

Fotos Divulgação



Gravuras contidas na obra organizada pelo jornalista: ao todo são 171 imagens tiradas de livros raros da coleção dos Mindlin



Livro reconta a saga do pau-brasil

Obra é a primeira de uma série que vai explorar os ciclos econômicos do País

EVANILDO DA SILVEIRA

A *Caessalpinia echinata* não é uma árvore qualquer. Não bastasse ser única do planeta a batizar uma nação, o pau-brasil (seu nome popular) lançou sementes de ideais revolucionários no pensamento francês, impulsionou tendências na moda européia por mais de 300 anos e, ao longo desse período, moveu interesses e fortunas.

São alguns dos aspectos relacionados a essa árvore da família das leguminosas mostrados no livro recém-lançado *Pau-brasil* (Axis Mundi Editora, 280 págs., R\$ 35,00 a edição simples e R\$ 80,00 a de luxo), que reúne textos de sete autores, organizados pelo jornalista e escritor Eduardo Bueno. Trata-se do primeiro volume da Coleção Quatro Ciclos, concebida pela Axis, que vai abordar os grandes ciclos da economia brasileira – pau-brasil, açúcar, ouro e café. A produção do livro foi custeada pelo escritório Machado, Meyer, Sandacz e Opice Advogados, como parte das comemorações de seus 30 anos.

Na verdade, Bueno não é o autor do livro, mas seu organizador. Ele foi convidado pela editora e pelos patrocinadores por causa da boa acolhida pelo público de seu livro anterior, *Terra Brasilis*. Também contou na escolha o fato de não ser um escritor de estilo acadêmico. “Por isso queriam que eu escrevesse o livro sozinho, mas não aceitei”, explica. “Propus, então, convidar grandes especialistas em pau-brasil para escrever. Eu coordenaria o projeto e daria o texto final da obra.” Assim foi feito.

O time de convidados é composto por brasileiros e estrangeiros, especialistas em pau-brasil de renome internacional. Entre os primeiros estão o botânico Haroldo Cavalcante de Lima, o almirante Max Justo Guedes, especialista nas navegações européias do século 16, o jornalista Nivaldo Manzano e o historiador Fernando Lourenço Fernandes. Os estrangeiros são o botânico escocês Gwilym P. Lewis, do Royal Botanic Gardens, de



Gravura mostra o corte da madeira, ideal para a produção de tinta para tecidos durante o Brasil do tempo colonial

No século 16, o pau-brasil era encontrado com facilidade na faixa litorânea. Hoje, são poucos os exemplares ainda existentes



iconografia. São 171 imagens, entre fotos produzidas por Fernando Bueno, irmão de Eduardo, mapas, gravuras e outras ilustrações tiradas de livros raros pertencentes à biblioteca de José e Guita Mindlin. O projeto gráfico é da filha do casal, Diana Mindlin.

Brasilenses – Já no primeiro capítulo, *Nova Viagem à Terra do Brasil*, de autoria de Bueno, a obra faz uma revelação – ao menos para a grande maioria dos brasileiros. Ficamos sabendo que so-

mos denominados mesmo como ‘brasileiros’ e não ‘brasilenses’, como seria o correto, caso as regras gramaticais tivessem sido respeitadas, por causa do tráfico de pau-brasil. Brasileiros eram os que traficavam a árvore.

Assim como os termos “negreiros” e “pimenteiros” designavam aqueles que traficavam negros africanos e pimenta, respecti-

vamente.

Também nesse capítulo, o autor mostra como o chamado “lenho tintorial” está intimamente ligado à história do País. Foi o “primeiro ciclo extrativista, primeira matéria-prima de exportação, primeiro produto contrabandeado”.

Foi também o “primeiro (e mais longo) monopólio estatal” da nossa história. “Por mais de três séculos e meio, 1502 a 1859, só o governo, português ou brasileiro, podia explorar a madeira ou terceirizar o empreendimento. O que levou também à primeira “privatização” na América. Com a atenção voltada para o Oriente, o rei dom Manuel decidiu arrendar a exploração da árvore para um con-

sórcio liderado por Fernando de Noronha.

Entre os capítulos que se seguem, um dos mais interessantes é *O índio Ganha Relevância*, no qual seu autor, Montaigne, faz a ligação entre o pau-brasil e o surgimento das ideias anti-absolutistas na França.

De acordo com ele, o contato que os franceses que vinham traficar o pau-de-

tinta tinham com o modo de vida livre dos índios mudava sua maneira de ver o absolutismo, até então tido como eterno e natural. Tendo conhecido o modo igualitário de vida dos indígenas, eles passaram a contestar o absolutismo.

Ilha – Também merecem destaque os dois capítulos escritos pelo historiador Fernando Lourenço Fernandes, *O Enigma do Pau-brasil* e *A Feitoria da Ilha do Gato*. No primeiro, ele levanta a hipótese de que o pau-brasil é mais um indício da estada de europeus no País antes de 1500. Para ele, não é concebível que os portugueses tivessem chegado aqui em 1500 e cinco anos depois já estivessem carregando 1.200 toneladas de pau-brasil por ano para a Europa. Eles já deveriam ter conhecimento prévio de onde achá-lo.

Fernandes contesta, ainda, a localização da primeira feitoria portuguesa no país, local, portanto, onde teria nascido o Brasil. Para a maioria dos historiadores ela ficava em Cabo Frio, mas para ele sua localização era na Ilha do Governador.

No *Epílogo: Raízes do Futuro*, além de alertar para o risco de extinção do pau-brasil e apontar saídas para o seu cultivo e preservação, os autores, Bueno e Lima, concluem que essa árvore também é um símbolo da própria identidade política, cultural e social do Brasil. Um país que não conhece a si próprio. “Em nenhum instante da história do País (colônia, império e república)”, escrevem, “os brasileiros puderam ter acesso ao pau-brasil para uso prático, estudos botânicos ou desfrute estético. É uma espécie que, de certo modo, foi ‘sequestrada’ do convívio do povo. É a imagem de uma riqueza que sempre foi nossa e nunca pôde ser nossa”.

**JORNALISTA
ORGANIZOU
TEXTOS DE 7
AUTORES**

**ÁRVORE
DEU ORIGEM
AO PRIMEIRO
MONOPÓLIO**